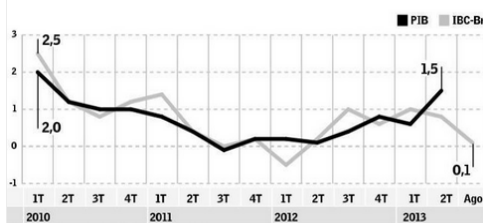


Valor ECONÔMICO

Índice do BC confirma trimestre mais fraco

IBC-Br X PIB

Variação trimestral dos dois indicadores - em %*



Fontes: IBGE e Banco Central. Elaboração: Banco Fator.

*Variação em relação ao trimestre imediatamente anterior, feito o ajuste sazonal.

A alta de apenas 0,08% do Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) na passagem de julho para agosto, feito o ajuste sazonal, reforçou perspectivas de que a economia terá uma freada brusca no terceiro trimestre, puxada pela indústria e pelos investimentos. Nos três meses encerrados em agosto, o indicador da autoridade monetária que tenta antecipar o comportamento do Produto Interno Bruto (PIB) subiu 0,12% sobre o trimestre anterior, também com ajuste, ante aumento de 0,84% nos três meses encerrados em junho.

Esta desaceleração, segundo economistas, é mais um sinal de que a atividade vai encolher no trimestre terminado em setembro, ainda que quedas expressivas estejam descartadas. Com indicadores antecedentes mais favoráveis para o setor manufatureiro no mês passado, a expectativa de analistas consultados pelo Valor é que o PIB recue levemente no período, entre 0,1% e 0,3%. Para 2013, as estimativas para o crescimento econômico estão mantidas por volta de 2,5%.

Segundo Alexandre Bassoli, do Opportunity, a perda de ímpeto da economia reflete a queda da confiança de empresários e consumidores na virada do primeiro para o segundo semestre, devido às manifestações e perspectivas de mudança da política monetária nos EUA, o fim da contribuição positiva do setor agropecuário e, ainda, a produção menor de caminhões, que impulsionou a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF, medida das contas nacionais do que se investe em máquinas e construção civil) até junho. "Somando tudo isso, o quadro é mais desfavorável para o segundo semestre", disse.

De acordo com as projeções do Opportunity, que foram mantidas após a divulgação do IBC-Br, a indústria, pelo lado da oferta, e a formação de capital físico, pelo lado da demanda, serão as principais influências negativas sobre o PIB do terceiro trimestre. Bassoli estima recuo de 0,8% e 2% para estes dois componentes da atividade, respectivamente, com retração de 0,3% do PIB, em linha com a percepção de que a indústria está mais estocada e que o aumento das incertezas prejudica decisões de investir.

Para Luciano Rostagno, estrategista-chefe do banco Mizuho do Brasil, os estímulos à demanda concedidos pelo governo podem ter gerado um excesso de otimismo que levou a indústria a produzir mais no segundo trimestre, o que explica parte do salto de 1,5% da economia observado no período. Como, no entanto, os incentivos ao consumo estão perdendo efetividade, diz Rostagno, o setor manufatureiro acumulou mais inventários e precisa ajustá-los, situação mais clara no setor automobilístico.

Em setembro, o economista observa que dados como a produção de veículos medida pela Anfavea (entidade que reúne as montadoras), a expedição de papelão ondulado e o fluxo pedagiado de veículos pesados nas estradas indicam evolução positiva da indústria e também do indicador de atividade do IBC-Br, que não devem evitar, no entanto, que a média do trimestre mostre comportamento negativo. O Mizuho do Brasil trabalha com queda de 0,1% do PIB entre o segundo e o terceiro trimestres.

O economista-chefe da INVX Global Partners, Eduardo Velho, nota que a estabilidade das condições favoráveis do mercado de trabalho e o programa

Valor

ECONÔMICO

federal Minha Casa Melhor, que financia móveis e eletrodomésticos a juros baixos para beneficiários do Minha Casa Minha Vida, sustentaram bons resultados do comércio em julho e agosto, mas a reação traçada pelo comércio não seria suficiente para compensar a maior fraqueza da indústria. "Me parece que o processo de ajuste de estoques não terminou em agosto e pode se prolongar ainda mais", disse o economista.

Velho afirma que a variação nula da produção observada em agosto impediu uma recuperação maior do IBC-Br naquele mês, dado que corrobora sua expectativa de que o PIB vai encolher 0,2% nos três meses encerrados em setembro. Em sua avaliação, a expansão mais forte da atividade registrada no trimestre anterior foi "pontual", provocada por um otimismo do empresariado em relação à expectativa de manutenção dos juros básicos, que não se concretizou.

Bassoli, do Opportunity, sustenta que o consumo das famílias vai crescer acima da média do PIB no terceiro trimestre, o que não significa, porém, que o comércio vai voltar a apresentar altas expressivas como as observadas até o ano passado.

A dinâmica para o consumo ainda é positiva, diz o economista, dado que o mercado de trabalho permanece apertado e os consumidores seguem confiantes na manutenção de seus empregos. Por outro lado, ele pondera que a inflação em nível mais elevado moderou os ganhos reais da massa salarial, cenário que tende a piorar no último trimestre do ano, quando o repasse da depreciação cambial aos preços deve se intensificar.